



O PROFESSOR FREDERICO E A ESTUDANTE CLARICE: O PROJETO ARQUITETÔNICO E O URBANISMO AINDA IMPRESSIONAM PELO ARROJO E AS ÁREAS VERDES

A MECA DOS ARQUITETOS

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Traços arrojadados, combinando mármore, concreto e graciosos jardins são referências de Brasília. O projeto inovador de Oscar Niemeyer e Lucio Costa desperta a curiosidade dos interessados por arquitetura e urbanismo. São cerca de 1,9 mil profissionais registrados que vivem na cidade. Só a Universidade de Brasília (UnB), que oferece o curso de formação mais tradicional, forma em média 60 novos profissionais da área a cada ano. Dos mais novos aos mais experientes, todos re-admiram as características que tornam a cidade incomparável.

Essa fama faz com que órgãos como o Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Distrito Federal (IAB/DF) receba visitas de grupos de profissionais de várias partes do mundo. De acordo com o presidente do IAB/DF, Otto de Quadros, a modernidade do projeto é o que mais impressiona. "O desenvolvimento tecnológico faz com que muitos se ajoelhem ao observar a cidade de perto. Qualquer profissional, por mais graduado que seja, se sente um menino aprendiz de arquitetura", enfatiza.

Quando esteve em Brasília pela primeira vez em 1979, Frederico Flósculo, 45 anos, cursava o terceiro ano de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Ceará. Veio com um grupo de colegas para conhecer a cidade tão comentada pelos professores. "Passei uma das semanas mais importan-

tes de minha formação", relembra. O então estudante se impressionou principalmente com o Lago Paranoá, que considera a maior jóia de Brasília.

A experiência foi tão decisiva que Flósculo resolveu mudar-se para a nova capital assim que terminou o curso. Conseguiu emprego logo nas primeiras semanas. Foi projetista nos governos federal e distrital até entrar para o quadro de professores da UnB, em 1992. Segundo ele, o desafio de hoje é transmitir o conceito de cidade jardim, com horizonte limpo e amplas áreas verdes, que diferencia Brasília das outras cidades do mundo. "É muito interessante perceber que os alunos de hoje repetem os mesmos questionamentos que tínhamos naquela época sobre as características do projeto."

Clarice Daldt, 19, convive com os traços e curvas de Brasília desde a infância. Encantada pelos formatos arrojadados, escolheu cursar Arquitetura. Está no segundo semestre. "Já começo a entender o sentido do sonho de JK. A cidade é bonita, grandiosa, mas tudo muito bem organizado e com função."

Nas últimas férias, Clarice fez questão de acompanhar parentes do Rio Grande do Sul em uma visita guiada. "Tive orgulho de conduzi-los e expliquei o motivo de cada decisão urbanística."

A procura pelos cursos de formação na área é grande. Além da UnB, outras cinco faculdades particulares oferecem o curso no DF. Em geral, os alunos chegam à sala de aula com a mesma vontade de Clarice. Querem entender a cidade que vivem e admiram. No UniCeub, os calouros são recebidos

com o curso Arquitetura de Brasília, com duração de um semestre. "Não pregamos uma arquitetura bairrista, mas não há como negar a importância da cidade", comentou José Galbinski, o coordenador da Faculdade de Arquitetura e Urbanização.

O urbanista Gladson da Rocha fez parte da equipe auxiliar de Lucio Costa para desenvolver o projeto da cidade. Hoje, dirige a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Planalto Central (Fauplac). Percebe entre os alunos a vontade de modernizar a cidade, mantendo as características originais. Assim como aconteceu em Brasília, os universitários são estimulados a desenvolver projetos completos e funcionais, com prédios que valorizem as formas. "Melhor exemplo eles não poderiam ter."

Campo profissional

Além de inspiração, Brasília oferece um bom campo profissional para os arquitetos e urbanistas vindos de fora. Segundo informações do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do DF (Crea/DF), são cerca de 1,9 mil registros válidos atualmente. De acordo com o presidente da instituição, Alberto de Faria, a experiência de trabalho na cidade faz com que profissionais de todo o país queiram passar temporada em Brasília.

Por ter um modelo urbano bem definido, a cidade se transforma num desafio. "Desenvolver um projeto numa área tombada é um mérito para qualquer profissional. Requer criatividade para não ferir as regras", justificou.

Além de desafio, a questão do tombamento exige fiscalização rigorosa, para que o projeto original não seja burlado. A 15ª Regional de Brasília do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é responsável por esse trabalho. Para o superintendente regional, Cláudio Queiroz, o respeito pela obra de Oscar Niemeyer e Lucio Costa requer dedicação de todos. "A proposta foi de unificar o espaço urbano com o natural. Se as regras não forem cumpridas, a cidade perde seu valor."

PROPOSTAS PARA UMA CIDADE

A pedido do Correio, arquitetos e urbanistas sugeriram propostas alternativas para melhorar o cotidiano dos brasilienses.

● Lago Paranoá

Um dos principais cartões postais da cidade poderia ser melhor aproveitado. O acesso seria facilitado e, em alguns trechos do lago, as margens seriam transformadas em parques ou áreas de lazer.

● Rodoviária

O horizonte visto da Rodoviária, localizada exatamente no cruzamento dos eixos Rodoviário e Monumental, deveria ser preservado de propagandas e da ocupação irregular. Da mesma forma, os pontos comerciais que atendem aos usuários deveriam ser padronizados, para evitar a ocupação desordenada.

● Trânsito

Com a crescente frota de automóveis, a principal solução para o trânsito seria desviar postos de trabalho para as outras cidades do DF. A transferência de concessionárias de serviços públicos, por exemplo, serviria para retirar parte dos carros do centro de Brasília. Isso

resolveria, inclusive, a questão dos estacionamentos nas regiões centrais. Outra solução seria desenvolver uma malha viária alternativa, que integre as outras cidades. Por exemplo, criar um caminho alternativo à Estrada Parque de Taguatinga, para ligar Taguatinga, Águas Claras e Guará.

● Avenida W3

A característica de avenida comercial, que decaiu com a chegada dos shoppings, daria lugar ao eixo cultural da cidade. A W3 seria transformada em uma espécie de Broadway de Brasília. Museus, bibliotecas especializadas e casas de espetáculo ocupariam os prédios abandonados.